

Entrevista com Cristina Nascimento Dias dos Santos
Rio de Janeiro, Março 1999
Entrevistadora: Chris Kerz

Introdução:

Cristina Nascimento Dias dos Santos entrou na Capoeira Angola em Março 1993. Ela participa do núcleo Capoeira Angola Ypiranga de Pastinha liderado por Emanuel Lopez de Lima. Ela mora no Rio de Janeiro e trabalha como educadora de crianças. Hoje em dia ela é a única mulher formada contramestra nessa cidade.

Como você começou a treinar Capoeira Angola?

Eu comecei a fazer Capoeira Angola porque eu pretendia a fazer uma terapia que tinha a ver com a Capoeira -a Somaterapia. Uma terapia, que utiliza Capoeira dentro do seu processo terapêutico. Eu procurei Mestre Neco (Rio de Janeiro) e fui lá no dia em que ele dava aula. Ele me deixou um tempo em observação para ver quais eram as minhas intenções.

Como se chamava o grupo dele?

Nessa época ele pertenceu ao G-CAP -Grupo de Capoeira Angola Pelourinho- liderado por Mestre Moraes.

Quando aconteceu isso?

Em Março de 1993. Eu fiquei treinando com Mestre Neco cerca de seis meses e daí, ele deu uma parada e não sabia por quanto tempo. Eu então comecei a treinar com Manôel. Eu já o conhecia, eles dividiam o mesmo espaço. O Manoel dava aula em dias diferentes. Depois Mestre Neco retomou o trabalho e eu já estava um tempo com Manôel e continuei. De cara me apaixonei pela Capoeira, fiz a terapia, depois me desliguei completamente e percebi que a Capoeira realmente era a grande história de transformação que eu queria para minha vida.. Foi o que me ajudou realmente a começar a me conhecer melhor e me transformar em todos os sentidos: me conhecer mais culturalmente, como pessoa e nas relações com outras pessoas.

E depois, ficaram muitas pessoas da terapia na capoeira, como você?

É muito raro mesmo, é mais difícil ainda ficar com um mestre. As pessoas questionam muito a autoridade do mestre. Na época que eu entrei existiam muitas pessoas da terapia, pelo menos umas vinte pessoas do grupo eram da terapia. Eu sou uma das poucas pessoas lá no grupo que continuaram a fazer Capoeira e me integrei realmente

No trabalho do Manôel uma questão muito importante que é o resgate cultural da cidadania. Você pode colocar sua visão ou sua opinião a respeito disso, abrindo um contexto político?

O Manôel faz um trabalho que vai mesmo dentro do gueto para resgatar as pessoas.

O gueto é o que? São as favelas?

São as comunidades afastadas dos grandes centros urbanos. Estas pessoas que vivem dentro destas comunidades estão afastadas das oportunidades que os grandes centros urbanos oferecem. O Manôel procura fazer nesses lugares um trabalho extremamente educacional no sentido de que ele fornece elementos para às pessoas ficarem trabalhando dentro de um destes grupos e convivem ao mesmo tempo com outras pessoas e então percebendo um outro contexto fora do meio onde eles normalmente vivem. Sempre quando tem algum evento, em qualquer lugar no Rio de Janeiro, o Manôel procura trazer as crianças, porque ele trabalha mais com crianças dentro dessas comunidades. Assim ele procura mostrar um outro lado que existe. E fora isso ele fala da nossa cultura, da importância de estar preservando a Capoeira em si, sobre as questões raciais, sobre os preconceitos que a gente vive o tempo todo dentro da nossa sociedade. Tudo isso fornece elementos para fazer o resgate da cidadania. A gente fica re-pensando nossos direitos, nossas ações dentro da cidade, nossa busca de um espaço de existência dentro dessa sociedade, de visibilidade na verdade. Porque o que acontece que a gente fica muito dentro dos guetos e a gente acha, que ali é nosso mundo, o mundo o qual a gente tem direito. A maioria das pessoas tem aquele espaço como seu espaço único. É importante que elas valorizem aquele espaço, como o espaço onde elas vivem ou sobrevivem durante muitos anos, até valorizando mesmo como cultura, mas percebendo que tem outros espaços onde elas podem estar, onde elas tem direito a estar.

A Capoeira é uma forma de reencontrar o espaço na sociedade? É reencontrar ou encontrar?

Eu acho que é encontrar se você for tomar a vida individual daquela pessoa, e reencontrar se você pensa naquela pessoa como membro da sociedade. Já tem isso como direito desde que ela nasceu. Só que isso nunca lhe foi deixado claro. Ela pode já até ter ouvido várias vezes mas nunca foi vivenciado por ela. Então eu acho neste sentido é reencontrar, porque é uma coisa que já é dela, já pertence a ela desde que ela nasceu. Então, como ela nunca viveu, ela vê como uma coisa nova.

Numa outra conversa você colocou que a mudança pessoal foi muito grande para você através da Capoeira. Uma mudança pessoal que você sentiu no dia a dia, pois a Capoeira toca muito no íntimo de uma pessoa. Você pode falar deste lado, como a Capoeira você lhe trouxe uma nova identidade, um reforço na autoconfiança e a ajudou a vencer na vida?

É exatamente isso que eu sinto. A Capoeira Angola me ajuda mesmo a viver, batalhar no dia a dia. Ela me ajuda em vários sentidos, por exemplo corporalmente, porque as dificuldades no dia a dia pesam sobre as minhas costas e a gente tomam uma atitude corporal que é aquela coisa pesada. A Capoeira Angola me ajuda com toda sua movimentação. Se tomada num sentido maior não só o movimento físico, mas aquela mobilização que ela traz internamente e espiritualmente. Ela me dá mais leveza, para levar minha vida, nessa batalha do dia a dia. Também ela me ajuda muito a dar uma volta por cima do que foi o preconceito na minha vida. Eu sei o que é uma história de educação familiar, mas também sei o que é a história do negro na sociedade brasileira e o que é a falta da visibilidade do negro na sociedade. A gente se sente meio invisível. Isso tem uma repercussão psicológica.

Eu era uma pessoa muito mais retraída, muito mais fechada do que eu sou hoje. Muito menos falante, me achava feia, tinha muito complexo de inferioridade e eu conseguí repensar e rever

todos esses valores porque na Capoeira a gente ouve muito sobre a história do povo africano. Coisas que a gente não ouve na escola ou vê na televisão. A gente vê muito as pessoas negras levando a vida e transformando-a. Você vai procurar isso dentro de você também. Outras pessoas conseguiram essa transformação, por exemplo dizendo: “Está vendo, você é bonita, veja quantas pessoas negras, como são bonitas.” E você ouve muito isso, muito mais naquele mundo onde as pessoas respeitam e admiram pessoas negras do que fora dele. Dentro da escola eu sofri muitos preconceitos dos professores e dos colegas. Eu recebi apelido e essas coisas que todo mundo já sabe: chamando de macaco, de feio. E você fica com aquilo na cabeça e acredita que é verdade mesmo. Quando eu entrei na Capoeira eu ouvi o contrario, eu ouvi um reforço da minha autoestima. Tenho certeza absoluta que isso foi fundamental para poder dar esse crescimento, esse salto. A Capoeira me deu os elementos para que eu conseguisse resgatar essa autoestima, resgatar minha identidade. Antes de eu começar a treinar eu conhecia muito pouco da Capoeira, tinha visto poucas vezes na rua ou na televisão. Era uma coisa que sempre me tocava, parava para ver. Eu já sentia realmente uma identidade, mas nunca teve uma motivação para fazer. Quando eu comecei a assistir as aulas do Mestre Neco -fiquei umas três aulas só assistindo- eu fiquei maravilhada. Eu ficava do início até o fim, não estava fazendo mas praticava mentalmente, sentava na roda, cantava, via todos os jogos. Foi uma coisa que me apaixonou logo do início.

Eu tenho uma amiga aqui no Rio fazendo a Capoeira a muitos anos. Ela é negra e numa discussão recentemente, ela explicou que não poderia se imaginar fazendo aulas de Capoeira com uma pessoa branca, porque falta a origem, a identificação. Ela considera a Capoeira como uma coisa dos próprios negros e só uma pessoa negra pode passar o sentimento da opressão e da identificação como luta de libertação. Como é essa questão para você?

Eu estava falando do preconceito, o que isso foi para mim vivê-lo dentro da sociedade. Do mesmo jeito que vivi, eu sei que também tenho o preconceito mas não quero isso na minha vida. Deixar de fazer aulas com uma pessoa só porque ela é branca seria uma forma de reforçar esse preconceito. É lógico, ver o Manoel -que é uma pessoa negra- na frente de um trabalho falando coisas que são fortes para ele e claro que eu me identifiquei com aquilo, porque vivia também. Eu não posso negar isso!

Agora eu também acho, que se você está dando aula como professor de Capoeira Angola que é uma manifestação cultural que tem origem negra, você tem que se instrumentalizar. O que é se instrumentalizar nesse caso?

É você saber mais acerca da cultura negra e você saber mais acerca do que é ser um negro dentro da cultura da Capoeira mesmo. No seu trabalho você tem que ter a preocupação de estar passando isso para as outras pessoas sendo branco ou negro. Com certeza o Manôel vai falar sobre essas coisas com uma carga emocional muito mais forte porque vive isso. Essa diferença não dá para negar. Ela também tem um peso, mas com essa afirmação da sua amiga, a gente está limitando e reforçando um preconceito.

Se eu quizer amanhã fazer balé clássico, se meu sonho fosse balé clássico...

Com quatro anos eu tinha muita vontade de dançar e eu assistia dança pela televisão e minha mãe falou: “Mas você, como negra não pode fazer balé, as pessoas não vão assistir, você não vai conseguir.” Isso foi ignorância, mas com o sentido de me defender. Aquilo bateu muito forte em mim. Seria a mesma história se eu amanhã falasse: “Mais você como uma pessoa branca não pode fazer Capoeira nem ser professor de Capoeira.” Acho que ia tocar na pessoa com o mesmo sentimento que tocou em mim na época. Quando minha mãe falou isso eu desisti por puro preconceito. Com essas limitações as coisas vão ficar sempre divididas, sem possibilidade de troca e de discussão. Agora eu acredito que quando uma pessoa que tenha

vivenciado o preconceito racial dentro da sociedade „o preconceito de ser negro“ tem mais propriedade para falar dessa historia, do que uma pessoa que não tenha vivenciado isso.

Você faz parte de um grupo que está mantendo a linha tradicional do Mestre Pastinha. Na historia da Capoeira Angola é comum que os núcleos sejam liderados por homens. Hoje em dia tem muitas mulheres participando. Você como mulher negra não está sofrendo só dos resultados dos preconceitos raciais, mas também dos preconceitos participando na Capoeira como mulher. A luta da libertação sempre tem que ser colocada na realidade social de uma pessoa. A questão do sexismo faz parte importante da luta como a questão do racismo e em que sentido essa luta pode ser incluída na Capoeira Angola?

A Capoeira é um movimento que tem todo um contexto social em torno dela. Em determinados momentos da historia as mulheres não fizeram parte na prática da Capoeira Angola. Mas o que é a Capoeira em sí, a movimentação e a espiritualidade não exclui a participação efetiva da mulher. A não participação dela foi e ainda está sendo consequência de um contexto social no qual ela é inserida. Eu não acredito que uma mulher em frente de um trabalho fere os princípios ou os fundamentos da Capoeira Angola. Isso tem mais a ver com um contexto geral, uma coisa mais ampla.

O meu caso é de ser uma mãe solteira, que é uma coisa bem comum nesse país. Ser uma mãe solteira a gente chama chefe de família, aquela que tem sozinha os cuidados com filho. O companheiro que gerou um filho comigo não é um companheiro que está aqui do meu lado no dia a dia. Dois meses depois que meu filho Lucas nasceu eu voltei a treinar porquê também tinha minha mãe para dar uma força. Porquê se não fosse minha mãe, teria de parar ou treinar em casa. Acredito que isso acontece com muitas mulheres, têm que parar radicalmente porque não tem mesmo com quem deixar.

E fora disso existe uma história de você chegar e encontrar um mundo que é essencialmente masculino, a própria estrutura, a organização. A dificuldade primeira é de você acreditar que você pode fazer aquilo também. Eu chegava na roda, olhava para a orquestra e a grande maioria das pessoas tocavam berimbau eram homens. Eu achei que eu nunca ia conseguir tocar berimbau. A gente fez uma roda das mulheres e a gente viu mulheres tocando berimbau -gunga inclusive- uma coisa que as mulheres em geral ficam com o pé atrás.

Quando eu comecei a fazer Capoeira eram pouquíssimas mulheres que pegaram o berimbau para tocar e tinha mesmo aquela coisa da gente chegar e tentar pegar um instrumento e já olharem pra gente assim: “Lá vem aquela mulher, bem você sabe tocar?” É normal, que as pessoas passem instrumento para quem sabe tocar, mas o fato de ser mulher não deveria ser o primeiro impedimento, e sim o fato de você saber tocar o não realmente. É importante criar uma possibilidade se reflita sobre o preconceito de cada um. Os homens foram criados dessa forma, então lá dentro deles existe esse preconceito. Não é fácil você matar uma coisa dentro de você, que você viveu a vida toda. A gente tem a compreensão disso, só que tem que haver também um movimento de começar refletir. Se você nunca começa a refletir sobre aquilo que você está fazendo você nunca vai mudar. Nunca.

Está crescendo o número de mulheres que se dedicam e que estão procurando aprender realmente a Capoeira Angola, tomar para sí como um dos objetivos de vida. Hoje em dia já tem contramestre. Tem a Janja, tem a Paulinha (duas contramestras formado por Mestre Moraes). Isso é um avanço. Nesse evento (a roda das mulheres no dia oito de março) a gente recebeu muita força dos homens também, inclusive depois, elogios, perguntando quando vai ser o próximo. Então está começando a haver uma troca maior, e esse espaço é uma conquista nossa. A roda ainda não é um espaço onde a mulher tem aquela voz ativa, não tem aquela participação mais efetiva. Isso está se modificando lentamente e vai só poder realmente ser

efetivado se a gente conseguir manter o diálogo e ouvir uma resposta dos nossos companheiros os quais estão fazendo a Capoeira com a gente, dividindo aquele mesmo espaço.

Você falou do apoio o que faltava do seu companheiro? Como que foi o apoio do seu mestre? Você foi vista como uma mulher que cria um filho sozinha?

Do mesmo jeito que eu estava falando da questão racial -um negro fala daquela questão com muito mais sensibilidade porque viveu- eu falo da questão sexista. O Manôel sempre me deu uma força para fazer a Capoeira, e na verdade a força dele sempre foi no sentido de me cobrar, cobrar minha presença. Essas dificuldades todas foram colocadas para ele e ele foi tolerante em determinados aspectos por exemplo ele liberou a questão do horário. A cobrança sempre foi no sentido de que eu não estava fazendo a movimentação, mas sem questionar muito o porque daquilo. Eu sou uma mulher que vive num contexto onde essas coisas não eram muito permitidas. É essa compreensão que falta. Tem que ter essa percepção maior do que é o mundo feminino e ser mulher na sociedade. Só subindo em qualquer favela no Rio você vai ver o que é a vida de uma mulher dentro da sociedade brasileira.

Ele nunca ter tido essa carga de responsabilidade que uma mulher tem que criar um filho sozinho. São essas diferenças que tem que ser cada vez mais conversadas e trocadas para que exista uma compreensão das ambas as partes.

Agora, toda essa discussão tem que ser integrada à sua dedicação a Capoeira. Não adianta que você fica numa discussão teórica do crescimento da mulher na Capoeira, se você não busca individualmente esse crescimento. Isso você só consegue fazendo mesmo. Treinando. Tenho dificuldade pegar o berimbau? Então, vai a luta. Pega. Treina em casa. Ouve. Pergunta e começa tocar o berimbau mesmo.

A discussão dentro da Capoeira ela não pode ser puramente teórica, porque ela é movimento o tempo todo. Você tem mais força para questionar a posição da mulher dentro da Capoeira quando você consegue penetrar nela mesmo. Quando você se aperfeiçoa vai se tornar cada vez mais uma Capoeirista. A cobrança existe em todos os lados.

No dia oito de março aconteceu a primeira roda das mulheres aqui no Rio de Janeiro. Você já comentou que essa roda foi muito bem recebida por os homens e também as mulheres. Quem iniciou essa roda aqui no Rio e o que aconteceu na prática nesse dia ? Existe uma estrutura entre as mulheres para organizar esse tipo de evento?

Essa ideia surgiu informalmente. A gente começou a conversar com as mulheres mais antigas e para organizar tudo melhor aconteceram reuniões aqui em casa. Para conversar, tocar berimbau e fazer o movimento mesmo da Capoeira. A gente pretende dar continuidade, mas não é um núcleo que existe formalmente.

O objetivo de fazer essa roda é que as mulheres tivessem um espelho do que existe em termos de possibilidade para elas realizarem dentro da Capoeira e encontrar referências para elas.

Ver várias mulheres comandando uma roda ...

A roda foi muito bonita, com muita preocupação do espaço, colocamos flores, uma mesa de frutas e esses pequenos detalhes que mostrassem um pouco o que é o mundo feminino. A Capoeira é basicamente expressão. Nós temos um movimento que é diferente dos homens, diferenças básicas as quais imprimem uma expressão diferente. O mundo feminino tem uma expressão diferente do mundo masculino, nem melhor, nem pior.

A preocupação até com a organização do espaço, aquela lavagem que teve no início, das mulheres chegando e buscando a limpeza espiritual é uma coisa bem da mulher, da proteção.

Tem agressão?

Mulheres tem uma outra forma de expressar agressão. Tem sim agressividade, mas a gente tem uma outra forma de expressar que é próprio do mundo feminino. O que foi que aprendemos até hoje sobre a defesa dos países? Você tem um exercito forte, a guerra, então você tem que guerrear para se defender. E na verdade a gente aprendeu isso também contestualmente, socialmente e eu não sei se isso é bem do mundo feminino. Nos temos mulheres guerreiras na nossa história, a frente mesmo da luta e que brigaram pelo seu povo, mas não sei se isso é uma coisa essencialmente do mundo feminino, essa forma de expressar a autodefesa e a própria agressividade. Eu não sei se já foi permitido a gente buscar essa expressão como uma coisa mais essencial nossa, então eu não posso dizer se isso é ou não é essencialmente do mundo feminino.

Como você vai procurar estas possibilidades para expressar mais a essência do mundo feminino?

Eu não quero copiar um modelo masculino. Tem um pouco a ver com que eu estava falando da expressão na roda, quero até retomar que a gente não tenha que fazer movimentos ofensivos. Se um dia eu teve que sair no braço com homem eu não vou enfrentar ele braço com braço, porque eu sei que minha estrutura física e biológica é diferente de um homem. Vou me defender? Vou dar porrada se for possível? Eu vou. Mas eu vou procurar um jeito de não confronta-lo na força, medindo força, competindo força com ele. Porque eu sei que fisicamente um homem é mais forte do que eu. Como a Capoeira não é força, ela não tem muita importância. Eu vou procurar uma expressão que é própria minha. Não quero me masculinizar para poder jogar Capoeira. Eu não quero ser reconhecida como muitas vezes eu já ouvi homem falando:“Ela joga muito legal, parece até um homem jogando.“ Eu não quero parecer um homem jogando, eu quero ser uma mulher Capoeirista. Eu não estou em competitividade com o mundo masculino, quero continuar no mundo feminino. Tanto a expressão feminina quanto a expressão masculina são essenciais para a vida, para o equilíbrio da natureza. Eu gosto da minha feminilidade. Eu gosto de descobrir cada vez mais como que é meu jeito de ser mulher. Muita coisa do universo feminino tem sido perdido, tem sido massacrado, tem sido questionada a sua validade.

Muitas vezes aqui no Brasil eu ouvi que a Capoeira seja um movimento cultural nacional. Como pessoas de fora podem ser integradas nesse contexto, nesse mundo da Capoeira?

Para você conhecer realmente o que é a Capoeira, você tem que participar de alguma forma da cultura aonde ela foi criada ou concebida. Isso para quem quer se aprofundar mais. Eu nunca conheci a Capoeira fora do país mas eu sei que existem varias dificuldades da Capoeira Angola acontecer nesses países. Agora tem uma coisa. A Capoeira é uma coisa universal, o movimento vai nessa direção. Se não tivesse sentido de universalizar a Capoeira Angola, não teria nem sentido você criar uma fundação internacional de Capoeira. A Capoeira é um universo aberto para qualquer pessoa que queira dela participar, com respeito pela cultura que é inerente, á sua estrutura. Qualquer pessoa tem possibilidade de aprender a Capoeira. É como meu mestre sempre diz:“Ela não entra em ninguém, ela sai.“

A Capoeira é como a natureza, como a vida. Todos nós somos participantes da natureza, do cosmo, temos nossa vivência do dia a dia. Isso significa que ela está dentro de cada um. Ela é vivenciada no dia a dia, é o movimento da natureza obedecendo as regras dela. Através do movimento que flui de dentro para fora existe a possibilidade de qualquer pessoa aprender a Capoeira, desde que ela esteja aberta para ouvir, aprender os elementos necessários para que essa expressão saia dela.

Aqui ou no Japão existe a possibilidade disso acontecer. O cuidado que muitos mestres tem, e que é válido é, da coisa não tomar um vulto, um tamanho tão grande que se perca o controle da qualidade.

A intenção de todo mundo é que a Capoeira cresça. Ninguém quer que ela fique a vida toda no gueto. A gente quer correr o risco de morrer no gueto, porque a gente não participa do que existe de bom dentro da modernidade, do que existe de vantagem no sentido até da sobrevivência mesma dentro da sociedade. No gueto a gente se protege contra muitas coisas ruins que a modernidade traz. O cuidado que os mestres tem é que a coisa não tome um vulto e que não sei mais o que que é a Capoeira Angola e o que que não é. A gente tem que ter um mínimo de diretriz. Lá no Japão eu não sei o que está acontecendo com a Capoeira Angola. Tem que ter um cuidado, olhar primeiro para saber se eu posso usar aquilo como referência de Capoeira Angola. Se não a gente vai formar um movimento parecido como na Capoeira Regional. Ampliar, mediar e a gente perde o referencial, perde a identidade. Isso é muito arriscado. O processo tem que ser lento e as vezes passar por até uma coisa mais radical.

Como você vê a Capoeira Angola sendo um caminho em relação a sua vida?

A Capoeira se tornou parte da minha vida para levar meu dia a dia, se tornou algo importante para minha transformação de vida e para meu bem estar físico, emocional e espiritual. Eu tenho pouca experiência ainda de Capoeira, são só seis anos e essa coisa de trazer a Capoeira para vida é uma coisa que você vai aprender com os anos, com muitos anos, vivendo e refletindo sobre o que você faz na vida. Eu tento ver as dificuldades que tenho e de que forma a Capoeira pode me ajudar resolver. Falta ainda muita experiência para conseguir fazer essa dialética entre a Capoeira e a vida. Com alguns cuidados também. Eu considero por exemplo a mandinga essencial para você sobreviver na sociedade onde eu vivo. Extremamente desigual, competitiva e hierarquizada, com uma sobrevivência muito difícil no dia a dia. Então a mandinga é essencial mas eu não quero que a mandinga faça parte de todas minhas relações de vida. Quanto mais íntima minha relação com a pessoa é, menos mandinga eu quero usar. Eu quero que as minhas relações pessoais estejam, de uma certa forma, aliviadas desse peso e que eu possa me relacionar com as pessoas num sentido mais puro, mais próximo, mais verdadeiro e fraternal. Quando eu precisar da mandinga vou querer usar sempre, vou querer aprender cada vez mais, mas eu estou ali nessa escola para aprender isso mesmo.

Ladainha composta por Cristina .

Tava na beira da praia, oiâ iâ
Tava lá fitando o mar
Tava namorando as ondas
Numa prece de Iemanjá.
Vento forte, maremoto Iemanjá,
Dá medo de navegar.
Se me embolo nessas ondas,
Posso até me afogar.
Ela então me respondeu, oiâ iâ
Num sopro de arrepiar.
Vento forte, maremoto, oiâ iâ
Tu vai ter que acalantar
Rodopiando, revisa
e flutua pra além mar.
A lua só ama o sol, oiâ iâ
Para poder iluminar
Tua espada é guerreira,
Pro amor, para Capoeira.
Em teu ventre abrigou
O destino desse amor,
Camaradinha.